

BUSCANDO GRAMSCI NA OBRA DE BRIAN SIMON

BÚSQUEDA GRAMSCI EN EL TRABAJO DE BRIAN SIMON

SEEKING GRAMSCI IN BRIAN SIMON'S WORK

Marisa Bittar¹

Resumo: Este artigo apresenta resultados de pesquisa sobre a obra e a trajetória de Brian Simon (1915-2002), o mais importante historiador da educação inglesa. Com foco em sua campanha pela escola secundária única ("comprehensive school"), que começou no final da década de 1940, o objetivo foi buscar a presença (ou não) de princípios gramscianos na sua concepção de educação. Além da coleção em quatro volumes de **Studies in the History of Education**, da autobiografia, **A life in education**, e de outros livros do autor, a pesquisa baseou-se em documentos e textos não publicados que se encontram no Arquivo depositário do seu acervo no Instituto de Educação da Universidade Londres. Os resultados confirmaram a presença de Gramsci em artigos, resenhas e cursos de Brian Simon a partir da década de 1970.

Palavras-chave: Antonio Gramsci; Brian Simon; História da Educação, escola secundária na Inglaterra.

Abstract

This article presents research results on the work and career of Brian Simon (1915-2002), the most important historian of English education. Focusing on his campaign for "comprehensive school", which began in the late 1940s, the aim was to seek the presence (or not) of Gramscian principles in his conception of education. In addition to the collection in four volumes of **Studies in the History of Education**, the autobiography, **A life in education**, and other author's books, the survey was based on documents and unpublished writings found in Brian Simon's Archive, Institute of Education, University London. The results confirmed the presence of Gramsci in articles, reviews and Brian Simon's courses from the 1970s.

Key-words: Antonio Gramsci; Brian Simon; History of Education; secondary school in England.

Resumen

Este artículo presenta los resultados de investigación sobre el trabajo y la carrera de Brian Simon (1915-2002), el historiador más importante de la educación inglesa. Centrándose en su campaña para la única escuela secundaria ("escuela integral"), que comenzó a finales de 1940, el objetivo era buscar la presencia (o no) de los principios de Gramsci en su concepción de educación. Además de la colección en cuatro volúmenes de **Studies in the History of Education**, la autobiografía, **A life in Education**, y otros libros del autor, el estudio se basó en los documentos y escritos inéditos que se encuentran en el archivo de Instituto de Educación, Universidad de Londres. Los resultados confirmaron la presencia de Gramsci en artículos, reseñas y cursos de Brian Simon desde la década de 1970.

Palabras clave: Antonio Gramsci; Brian Simon; Historia de Educación; Escuela secundaria en Inglaterra

Introdução

Apresento neste artigo parte de pesquisas que desenvolvi no Instituto de Educação (IOE/ Universidade de Londres), sobre o mais importante historiador da educação inglesa, o marxista Brian Simon (1915-2002). Considerando sua vasta obra, com destaque para a coleção em quatro volumes **Studies in the History of Education**, e sua militância intelectual e política, a pesquisa abrangeu extenso universo, mas aqui, o meu objetivo é tratar especificamente da presença de Antonio Gramsci nesse

conjunto, aspecto que está relacionado ao engajamento político de Brian Simon pela escola única na Inglaterra (“comprehensive school”) desde 1945 até a sua morte.

A pesquisa em fontes primárias foi realizada entre 2011 a 2014 no Arquivo Brian Simon do Instituto de Educação, guardião de documentos, notas de pesquisa, rascunhos, cartas, fotografias, resenhas, planos de ensino, artigos não publicados, e grande parte de sua autobiografia não publicada. Com base nessas fontes², busquei a presença (ou não) de princípios gramscianos na formulação da “comprehensive school” de Brian Simon. Ciente de que ele combatera a segmentação do ensino médio em modalidades de escolas de humanidades (grammar schools) e de ensino técnico, o meu objetivo foi observar se a sua concepção coincidia com a de escola unitária de Gramsci, segundo a qual, aos adolescentes (todos) do ensino médio, deve ser garantida uma formação de cultura geral, moderna e humanista, de elevada qualidade. Essa hipótese inicial de pesquisa surgiu de estudos comparados sobre as trajetórias de Brian Simon e Mario Alighiero Manacorda (1917-2013), que, como se sabe, defendeu a formação de base humanística para todos os adolescentes e, rejeitou, portanto, que a formação de cultura geral que deveria caracterizar o ensino médio fosse destinada apenas à elite enquanto para a maioria dos estudantes fosse reservado um precoce ensino profissional com o objetivo de destiná-los ao mundo do trabalho. Segundo Manacorda, um novo tipo de humanismo deveria integrar esses dois momentos da formação (humanismo e princípios do trabalho).

As trajetórias político-intelectuais de Manacorda e de Brian Simon foram muito semelhantes, por isso a hipótese de que ambos tivessem bebido na mesma fonte. Típicos intelectuais de esquerda do século XX, aderiram ao marxismo na juventude, engajaram-se na resistência ao nazi-fascismo e atuaram no setor de cultura e educação dos respectivos Partidos Comunistas (Itália e Grã-Bretanha). Manacorda, conhecido dos educadores brasileiros, exerceu atividades jornalísticas e editoriais no **L’Unitá**, jornal do PCI e dedicou várias obras ao pensamento de Gramsci. Brian Simon construiu sua carreira de professor, tornando-se o mais importante historiador da educação inglesa sob o ambiente hostil da Guerra Fria. Chegou aos mais altos postos de direção no Partido Comunista da Grã-Bretanha, com militância orgânica até o final da década de 1970, diferentemente de muitos dos intelectuais de sua geração, que deixaram o Partido quando a União Soviética invadiu a Hungria (1956). De 1950 a 1980, lecionou na Universidade de Leicester, onde passou por todos os degraus da carreira, chegando ao título máximo em 1966 e ao grau de Professor Emérito, em 1980. Desenvolvendo consistente crítica à visão liberal, publicou vasta obra sobre política e história da educação, destacando-se **Studies in the History of Education** em quatro volumes, tendo sido o último (1991) uma contundente crítica às políticas educacionais da era Margaret Thatcher.

Brian Simon se destacou também como organizador do campo da História da Educação na Grã-Bretanha. Em 1967, fundou a History of Education Society (HES). Equidistante de uma postura academicista, abriu essa Sociedade para grupos externos, como trabalhadores interessados em suas próprias histórias, professores e estudiosos individuais. Em 1978, foi um dos fundadores do International Standing Conference for the History of Education (ISCHE) e seu primeiro presidente (1978-1982). Nessa condição, e devido à sua proximidade com o bloco soviético, desenvolveu importante intercâmbio entre historiadores da educação da Europa Ocidental e do Leste Europeu.

Educação liberal e decisões da juventude: o marxismo e a educação pública

Conhecido na história da educação inglesa³ pela sua campanha em favor da escola secundária igual para todas as crianças e pela militância no Partido Comunista da Grã-Bretanha, Brian Simon originava-se de uma família cujos princípios e convicções estavam alicerçados na tradição liberal. Tanto o pai quanto a mãe foram fortemente comprometidos com questões cívicas e provenientes de alta classe média que enviava seus filhos ao curso preparatório e, no caso dos rapazes, a Oxford ou Cambridge.

Ainda adolescente, duas experiências estudantis exerceriam importância na concepção que Brian Simon viria a ter sobre educação e em suas decisões futuras. A primeira delas, como aluno em Nortfolk em uma escola que à época exercia atração sobre as classes médias “mais radicais” e que professava um currículo humanista, sem “regras, apenas tradições” (SIMON, 1998, p. 8) e na qual haviam sido abolidos os castigos corporais e encorajada a relação amigável entre alunos e professores, assim como entre alunos mais jovens e mais velhos. A segunda, bem diferente da experiência inglesa, ocorreu em uma escola no sul da Alemanha, em 1933. O seu diretor, segundo Brian Simon, tinha como objetivo pedagógico descobrir nos estudantes o potencial artístico, intelectual e físico que ele acreditava existir em *cada* e em *todo* aluno (os grifos constam no original) e também os meios pelos quais isso poderia ser encorajado e proporcionado integralmente. No entanto, poucos anos depois da ascensão do Partido Nazista ao poder, tropas de Camisas Marrons (SA) cercaram a escola e levaram brutalmente o diretor Kurt Hahn à prisão. Sobre essa experiência estudantil, além da revolta de ver o diretor agredido, Brian Simon registrou em sua autobiografia que aqueles propósitos influenciaram fortemente o seu pensamento sobre educação, particularmente a sua ênfase na potencialidade humana, completando: “Eu conheci Hahn em seu trabalho como diretor por um curto período entre janeiro e março de 1933, mas seu estilo como diretor, sua atenção individual ao aluno, seus próprios ensinamentos, e a experiência de sabermos que qualquer coisa podia acontecer a qualquer hora (um edito dele: a escola inteira vá imediatamente esquiar) permaneceram comigo para sempre” (SIMON, 1998, p. 9).

Como jovem privilegiado de classe média alta, o endereço estudantil posterior de Brian Simon foi Cambridge. No entanto, ao deixar aquela cidade universitária, Brian Simon já havia dado à sua vida uma guinada à esquerda, aderindo ao Partido Comunista da Grã-Bretanha. Mais precisamente, tal fato aconteceu em 1935 no Trinity College, “ponto focal de reuniões políticas” (SIMON, 1998, p. 10) onde, nos dois anos seguintes, os estudantes, insatisfeitos com currículos e métodos adotados pelos professores, mostravam-se determinados a promover uma reforma que também incluísse “algum grau de envolvimento deles nas decisões superiores”, das quais estavam, naquela época, “totalmente excluídos” (SIMON, 1998, p. 10-11). Os historiadores eram os que mais apoiavam esse movimento, expressando críticas ao “provincianismo” do currículo. Desse modo, a conjuntura político-acadêmica em Cambridge favoreceu a formação de grupos de estudos marxistas.

No entanto, apesar da postura crítica em relação a currículos e métodos da Universidade, raros dos colegas de Brian Simon manifestavam qualquer interesse pelo que acontecia na escola estatal inglesa⁴, segundo ele registrou em suas memórias: “Muitos de nós desconheciam o sistema estatal de educação, ou

de suas escolas, tendo sido educados fora dele. Mas o meu caso era diferente” (SIMON , 1998, p. 7). Documentos não publicados no Arquivo da Universidade de Londres bem como a sua autobiografia atestam que essa diferença se devia à influência dos pais em sua formação.

Sir Ernest Simon, de origem alemã, fizera fortuna como industrial em Manchester, onde também, inicialmente, participou da vida pública da cidade pelo Partido Liberal. Em 1947, aderiu ao Partido Trabalhista entendendo que nele estaria melhor situado para influenciar e ajudar a reconstruir a sociedade do pós-guerra. Educou os filhos segundo suas convicções liberais, especialmente ensinando-os pelo exemplo a doar pelo menos metade de seu tempo a trabalhos públicos e a rejeitarem a vida extravagante. Em 1934, acreditando na educação para a formação de cidadãos-líderes, ele criou a Association for Education in Citizenship declarando que naquele momento nada era mais necessário do que formar alunos para os deveres públicos da cidadania visando um Estado democrático. Esses princípios podem ser melhor compreendidos considerando o contexto político da Europa no turbulento período que entremeou as duas Guerras Mundiais e durante o qual a democracia liberal estava ameaçada pelo fascismo e, no caso pessoal de Ernest Simon, as duras lições da Primeira Guerra na qual haviam morrido todos os seus irmãos. As suas ideias sobre a geração futura estavam profundamente afetadas pela experiência dessa Guerra, pois o sacrifício das vidas humanas que ela roubara gerou nele um sentimento de que a sua própria vida e as dos seus filhos deveriam ter uma perspectiva mais ampla, transcendendo os interesses e realizações individuais.

Preocupado em combater o crescimento do autoritarismo e restaurar a crença na democracia, Ernest Simon acreditava que o sistema educacional deveria ser mais sistemático em educar os alunos para os seus deveres como cidadãos com senso de responsabilidade social e amor à liberdade. Decorrente dessa convicção, julgava que todo homem e mulher na idade de 21 anos deveria ter a obrigação de trabalhar e ajudar a formar a opinião pública. Para McCulloch e Woodin (2010, p. 187-201), essa era tipicamente uma agenda baseada no ideal de formação humana da tradição liberal na década de 1930. No seu diário, de acordo com os autores, Ernest Simon criticou a educação aristocrática, que tornava homens e mulheres desinteressados da vida pública, enfatizando: “Não há nada que eu mais gostasse do que ver meus três filhos ingressando, de todo coração, na vida pública e eu gostaria de vê-los apropriadamente educados para este propósito” (McCULLOCH e WOODIN, 2010, p. 192) . Convencidos de que seus filhos Roger e Brian eram homens de espírito público e integridade, quando eles aderiram ao Partido Comunista, sentiu que isso tolheria o desenvolvimento de suas carreiras, mas apoiou-os por acreditar que esse era um compromisso com aqueles seus inabaláveis ideais de vida pública.

Enquanto Brian Simon aderiu à militância política na Universidade de Cambridge, sua mãe, Shena Simon, trabalhava como membro ativo no Comitê de Educação Pública de Manchester. Ela ingressara no Partido Trabalhista como reação direta à política educacional conservadora em 1935 e permaneceu atuante nesse Comitê por quarenta anos. Na condição de importante membro dele, foi uma das signatárias do Relatório Spens, em 1938, sobre o futuro da educação secundária. Mais tarde publicou o livro **Three Schools or One?**, o primeiro que propagava, na Inglaterra, a escola secundária única (“comprehensive school”). Shena Simon tinha profundo e detalhado conhecimento da administração

educacional, tornando-se uma líder e especialista na cidade. Por esse trabalho, ela seria publicamente homenageada décadas depois, conforme Brian Simon escreveu sobre a série de palestras patrocinadas por esse Comitê no final dos anos de 1970, em Manchester, comemorando o trabalho de sua mãe pela educação naquela cidade. Por isso, ao comparar a sua experiência juvenil com a dos colegas em Cambridge, ele diria mais tarde que os problemas da educação e da sua manutenção pelo Estado lhe eram familiares, mesmo que por segunda mão, isto é, pela mão de sua mãe. O exemplo dela como militante da escola estatal foi essencial para a sua decisão de criar a “Sociedade educacional da Universidade de Cambridge”, uma pequena sociedade, segundo ele, que fomentou o debate sobre educação na Universidade e a qual presidiu até o seu último ano em Cambridge.

Foi no ambiente de Cambridge que dois fatores definiriam a sua trajetória futura: a adesão ao marxismo e o interesse pela educação. O primeiro deles foi explicado por Brian Simon como uma postura dos estudantes de sua geração que aderiram à esquerda não por estarem interessados em política no abstrato, mas porque a conjuntura histórica não comportava indiferença ante a escalada nazi-fascista na Europa. Para muitos deles, portanto, o marxismo exerceu influência formativa. Para Brian, além dessa formação, uma ativa militância que, naquele momento, significava não deixar a Universidade ser vítima do nazi-fascismo.

Sir Ernest Simon logo receberia cartas das autoridades universitárias, em 1935, reportando-lhe as atividades do filho e de seu grupo de “estudantes soviéticos”. Consta que ele congratulou o filho pelo trabalho desenvolvido pela educação, mas temeu pelo seu futuro profissional.

Foi na condição de estudante na Universidade de Cambridge que Brian Simon tomou a decisão de tornar-se professor. Segundo relata em sua autobiografia (**A life in Education**), uma decisão fácil considerando a influência de seus pais. Ernest Simon, por exemplo, nunca o havia pressionado a seguir carreira de engenheiro e a dirigir a empresa da família, em franca ascensão. Tanto ele quanto Shena acreditavam que uma carreira pública e talvez política fosse o mais desejável para os filhos. Para Brian, uma função na administração educacional parecia perfeita; para o irmão, uma carreira no governo local.

Tendo decidido se tornar professor da escola secundária e realizar carreira completa no mundo da educação, Brian Simon buscou estudos pós-graduados no Instituto de Educação da Universidade de Londres, onde, além dos ensinamentos necessários para ministrar aulas no ensino secundário, que era o seu caso, proporcionava estudos e discussões de questões mais amplas concernentes à educação como fenômeno social, sua finalidade, procedimentos e organização, incluindo análise psicológica, histórica e sociológica. Formação essa, segundo ele, muito mais típica da década de 1930 do que dos anos de 1980, cuja ênfase passou a ser a administração. No Instituto, Brian Simon foi eleito presidente da União Nacional dos Estudantes e durante o seu ano acadêmico (1938-1939) a Segunda Guerra Mundial começou, exigindo, conforme relata em sua autobiografia, postura firme e combativa, pois havia uma crescente determinação entre os estudantes de não permitir que as universidades, em qualquer parte do mundo, caíssem vítimas do controle e da ideologia fascista como havia acontecido na Alemanha, onde a resistência ao nazismo tinha sido fraca. Envolvido nessa militância, e considerando que para os Partidos Comunistas da época era essencial que seus quadros atuassem na resistência ao nazi-fascismo, ao terminar

seus estudos pós-graduados, alistou-se nas tropas anti-nazistas, retardando o início de sua carreira para dezembro de 1945, quando a Guerra terminou.

Assim, com a idade de trinta anos, Brian Simon deu início à sua vida de professor lecionando no primário, na escola secundária moderna e nas escolas seletivas (grammar schools). Ele conheceu por dentro o sistema de educação estatal, envolvendo-se com os “reais” problemas da educação, “aprendendo e ensinando em escolas mantidas pelas autoridades locais” (SIMON, 1998, p. 47). Foram esses “reais” problemas que o levaram a desencadear a campanha pela qual se dedicou até o fim da vida: a escola secundária igual para todas as crianças, conhecida como “comprehensive school”.

“Comprehensive school”: a batalha pela escola secundária única na Inglaterra

Brian Simon começou a campanha que o tornaria conhecido no mundo da educação inglesa no final da década de 1940. A escola secundária e seus problemas o interessaram mais de perto desde que fora professor nesse nível de ensino adquirindo experiência nos diversos tipos de escola secundária, incluindo a moderna e a de humanidades (grammar school).

Durante os seus anos como professor da escola secundária inglesa, Brian Simon constatou a existência de aspectos ideológicos envolvendo a teoria e a psicologia da educação por meio dos quais a burguesia divulgava sua visão de mundo. Do mesmo modo, segundo ele, na história da educação, questões ideológicas importantes permeavam o conteúdo, os métodos de ensino e a organização da escola. Contudo, se havia uma área mais deficiente de estudos progressistas e, portanto, na qual a contribuição do marxismo mais poderia ser necessária era sobre os testes de inteligência.

A campanha pela escola secundária igual para todos instituiu não apenas uma nova interpretação nessa área, mas uma interpretação polêmica que lhe angariou apoios, mas também muitas críticas e problemas em um contexto definido como uma espécie de “guerra fria na área acadêmica” (McCULLOCH, 2010, p. 445). A Inglaterra começava a viver os primeiros anos da reforma educacional do pós-guerra instituída pelo Education Act (1944) que universalizou a escola secundária. No entanto, continuaram existindo escolas secundárias para diferentes tipos de alunos: a escola secundária de humanidades (grammar school), a técnica e a moderna.

A universalização do ensino secundário após a Segunda Guerra foi um grande marco, fazendo dessa reforma uma das mais importantes da educação inglesa, pois, até então, sendo o ensino secundário reservado a uma elite, a maioria das crianças terminava a sua escolaridade após as quatro primeiras séries da escola primária enquanto uma minoria fazia o secundário e depois ingressava na universidade. A reforma do secundário, pois, ocupou lugar central nas políticas educacionais do pós-guerra na Grã-Bretanha: em 1944 ela garantiu ensino secundário a todos os adolescentes, passando a ser a idade de 15 anos o momento de “deixar a escola” (school leaving age); em 1972, essa idade foi elevada para 16 anos, representando significativo crescimento desse nível de ensino, correspondendo a um esforço pela expansão.

Nesse contexto de universalização que preservava o padrão seletivo do ensino secundário, Brian Simon entendeu que apenas a escola secundária única seria capaz de estabelecer um sistema baseado na igualdade a que todos os alunos deveriam ter direito e, com isso, desafiou a visão otimista de cunho liberal contrapondo uma análise, baseada na luta de classes, das profundas desigualdades do sistema educacional. Tal análise como também a tese da “comprehensive school”, atraíram contra si as críticas de segmentos conservadores, pois essa campanha começava em um momento particularmente difícil da história do Partido Comunista quando transcorria a Guerra Fria. Na polaridade estabelecida no pós-Guerra entre capitalismo e socialismo, os Estados Unidos da América exerciam a liderança em sua área de influência. Contra a União Soviética e o “comunismo”, o senador conservador Joseph McCarthy desenvolveu uma verdadeira “caça às bruxas” nos Estados Unidos, intimidando, perseguindo e prendendo suspeitos de marxismo, o que tornou extremamente difícil a intelectuais norte-americanos sob essa suspeita desenvolverem carreiras universitárias. Na Grã-Bretanha, as tensões foram menores, mas a campanha pela “comprehensive school” foi imediatamente atribuída a interesses soviéticos, atraindo hostilidades contra Brian Simon cuja atuação pela educação passou a ser considerada por setores conservadores como uma ação meramente “política”.

Em certo sentido, a campanha pela “comprehensive school” tinha origem política, pois nascia da análise de um contexto que, segundo Brian Simon, preservava a iniquidade do sistema educacional britânico. Na condição de membro do Comitê Cultural do Partido Comunista, ele teve influência direta e decisiva no grau de importância que o Partido passou a dar à educação desde o final da Segunda Guerra. Panfletos, convites a reuniões, palestras e manifestações em prol dessa campanha são documentos que comprovam essa importância, bem como a visão do Partido sobre a questão dos poderes nacional e local, este último valorizado por Brian Simon como um aspecto imprescindível para preservar a autonomia dos professores e a possibilidade de cada comunidade estabelecer a sua “comprehensive school” e não a escola secundária diferenciada.

Outros documentos atestam ainda que a campanha foi fruto do seu empenho pessoal em alertar para a necessidade de os marxistas desenvolverem uma análise sobre a real função da escola em uma sociedade capitalista na qual ela era mantida pela classe dirigente para os seus próprios propósitos. Essa preocupação vinha da juventude, já que em 1937 ele a expressara em um ensaio escrito durante seu ano acadêmico no Instituto de Educação argumentando que “a escola é sempre uma função da sociedade, não podendo diferenciar-se radicalmente dela já que é parte dela” (SIMON, 1937, p, 4). Nos estudos que empreendeu no pós-guerra, Brian Simon concluiu que a escola inglesa do século XIX havia provido um tipo de educação barata para a classe trabalhadora e que, desde 1870 (Elementary Education Act), a burguesia, por intermédio do Estado, dominava o sistema educacional tanto na sua estrutura quanto no seu conteúdo. Quanto à reforma de 1944, concluiu que ela refletia uma posição mais frágil da classe dirigente e a força dos trabalhadores em sua luta pela escola. Segundo ele, a classe trabalhadora conquistava uma grande vitória com essa reforma, mas deveria continuar mobilizada para assegurar a sua total implementação, incluindo o desenvolvimento de escolas comuns, aumentando a idade-limite para deixar a escola (escolaridade obrigatória), expandindo o ensino superior, além da prioridade para a

melhoria nas construções das escolas e para a formação de professores. A defesa da escola secundária comum, de acordo com ele, desafiava a teoria e a prática da educação burguesa.

Além disso, Brian Simon combateu os testes de inteligência em vigor na educação inglesa e que definiam o futuro de uma criança aos onze anos de idade. Em 1952, em uma conferência promovida pelo Partido Comunista sobre educação secundária, ele foi o principal orador e apelou para o fim da distinção entre escola de humanidades e escolas técnicas, pela abolição dos testes de inteligência, e pela instituição da “comprehensive school”. Isso, no entanto, foi considerado pela crítica conservadora como um meio de impedir o esforço de defesa empreendido pelo país naquela conjuntura (Guerra Fria), pois, quanto mais fosse gasto em educação, menos seria disponível para armamentos.

A campanha contra os testes de inteligência foi acompanhada de uma série de artigos e livros publicados por Brian Simon a partir do final da década de 1940. Nessa época, a psicologia da aprendizagem soviética começava a ser referência e os seus fundamentos se constituíram na base teórica da crítica elaborada por Simon, que conheceu a obra dos psicólogos soviéticos como também travou contatos pessoais com eles, especialmente com Alexander Luria. A sua linha de interpretação do problema colocava em cheque o que a teoria burguesa entendia como inteligência, contrastando dois raciocínios: as pessoas já nascem com as habilidades que as tornam como tais, ou, ao contrário, o nosso desenvolvimento é principalmente devido à educação e experiências de vida? A segunda interpretação, segundo Brian Simon, colocava uma grande tarefa para a educação, ou seja, uma obrigação social de prover a mais rica experiência educativa possível particularmente aos jovens para que eles pudessem desenvolver suas potencialidades em benefício deles mesmos e da sociedade. Defender essa tese significava enfrentar uma tradição solidamente fincada na ideia de que a inteligência é inata. As políticas educacionais inglesas das décadas de 1920 e 1930, por exemplo, eram baseadas em um padrão hierárquico que mais tarde ficou conhecido como “the 11 plus”, isto é, os testes aplicados aos 11 anos de idade, ao término do curso primário.

Em uma conferência na Universidade Vancouver, no Canadá, intitulada **The IQ Controversy**, Brian Simon rememorou a forma pela qual se envolveu com essa questão:

Meu envolvimento nesse assunto data imediatamente do período do pós-guerra. Liberado do Exército em 1945, lecionei em Manchester e Salford, no primário, secundário moderno, e nas escolas seletivas [grammar schools] que aceitavam somente 25% das crianças em idade de frequentar a escola secundária. A rigidez dessa estrutura hierárquica me chocou – especialmente porque o Education Act de 1944 parecia conter uma promessa de reorientar e humanizar o sistema escolar. (...) Desde os sete anos de idade, a classificação em rankings conferia apenas às crianças no nível ‘A’ a possibilidade de sucesso aos onze e, assim, em um seletivo posto da escola de humanidades [grammar school] que monopolizava o caminho para a educação superior. (...). Havia apenas um meio de modificar esse sistema e esse meio era estabelecer uma única e comum escola secundária para todas as crianças – a comprehensive school, como ela agora é chamada (SIMON, 1985, p. 113-114).

O sistema, segundo ele, parecia intocável, com práticas enraizadas que sustentavam as teorias dominantes e nas quais a seletividade se assentava. A despeito do esforço pela reforma educacional realizada no final da Segunda Guerra Mundial, esses testes mentais de caráter seletivo continuavam praticados nas escolas britânicas no final da década de 1940. Por essa razão, era preciso enfrentar a teoria e

a prática dos testes de inteligência, ou o que parecia ser “a lei de ferro” (iron laws) da psicometria, já que ela passava como inteiramente baseada em fundamentos científicos que ninguém na época colocava em questão. Desafiando essa lei de ferro baseada na biologia (hereditariedade), Brian Simon buscou na teoria da aprendizagem soviética os fundamentos para construir uma interpretação contrária à seletividade existente no sistema britânico de ensino.

Enquanto essa iniciativa era tomada, os escritos que Gramsci havia elaborado na prisão percorriam um difícil caminho para se tornarem públicos.

Antonio Gramsci “do outro lado dos Alpes”

Antes dos escritos na prisão, Gramsci havia se dedicado a artigos e textos de caráter mais imediato no contexto da militância no Partido Comunista Italiano aos quais não pensava dar caráter de publicação sistemática pois eram voltados para o dia-a-dia. Preso e isolado, imaginou pela primeira vez escrever algo “desinteressado”, ou seja, que ficaria para sempre (COUTINHO, 1999, p. 7). Assim nasceu a ideia dos cadernos, que foram redigidos de 1929 a 1935. Como Gramsci não publicou nenhum livro em vida, o seu pensamento de certa forma só chegou ao público depois de sua tragédia pessoal e da batalha para a publicação dos seus 33 cadernos, processo que transcorreu da data de seu falecimento (1937) à década de 1950. As traduções para outras línguas e a ampliação de seu alcance foram condicionadas a esse contexto histórico.

A história da publicação dos cadernos foi tortuosa e difícil não apenas pela característica intrínseca da obra como pelas condições políticas da época, isto é, nazi-fascismo, Segunda Guerra Mundial e situação de Pós-Guerra. Quando Gramsci morreu, sua cunhada Tatiana salvou os cadernos e, seguindo o seu pedido, enviou-os a Moscou onde residia sua irmã Julia Schucht. A remessa ocorreu depois de uma consulta a Piero Sraffa, grande amigo de Gramsci, que lhe recomendou cumprir o seu desejo. Assim, em julho de 1937, ela entregou os cadernos à embaixada russa em Roma, mas só um ano depois eles chegariam a Moscou onde Palmiro Togliatti, que sucedera Gramsci na liderança do Partido Comunista Italiano quando de sua prisão, em 1926, iniciou, junto aos dirigentes da Internacional Comunista, o processo da publicação. Tudo indica que de início suas dificuldades foram as de convencer os dirigentes da Internacional Comunista sobre a importância da obra, já que Gramsci desenvolvera uma teoria própria sobre a revolução desde que deixara Moscou, em 1923, tal como se lê:

Depois de deixar o país no final de 1923, Gramsci encontra dificuldade para obter atualizações constantes e detalhadas sobre os debates que se desenrolam na Rússia; além disso, deve-se considerar sua fidelidade a algumas posições do último Lenin, o respeito pela IC e a convicção de que o velho grupo leninista efetuou obra revolucionária de alcance epocal. Estes fatores parecem se opor, neste período, tanto a um aprofundamento interior quanto a uma elaboração explícita da própria insatisfação com os métodos dos dirigentes bolcheviques, que Gramsci, de fato, só expressará com maior clareza em 1926, nas cartas de 14 e 26 de outubro (CARLUCCI e BALESTRERI, 2015)

Assim, em meio a dificuldades de toda ordem, depois de terminada a Guerra, Togliatti acabou publicando primeiro as *Cartas do Cárcere* (1947) pela Editora Einaudi que, segundo Carlos Nelson Coutinho (1999, p. 23), embora pertencesse a um militante comunista, era uma editora pluralista e poderia atingir um raio de influência mais amplo que o PCI. Concomitantemente, com a colaboração de Felice Platone, Togliatti decidiu editar os cadernos adotando critério temático: **O materialismo histórico e a filosofia de Benedetto Croce** (1948); **Os intelectuais e organização da cultura** (1949); **O risorgimento** (1949); **Notas sobre Maquiavel, a política e o Estado moderno** (1949); **Literatura e vida nacional** (1950) e **Passado e Presente** (1951). Para Coutinho, embora essa edição tenha induzido os leitores a inevitavelmente pensarem que Gramsci havia escrito seis diferentes “livros” com esses títulos, não se pode negar o empenho de Togliatti em difundir o pensamento de seu amigo e companheiro, pois “sem esse empenho, talvez Gramsci fosse até hoje conhecido apenas como um mártir na luta contra o fascismo, mas não como um dos mais lúcidos pensadores do século XX” (COUTINHO, 1999, p. 26-27). Apesar desse valor histórico, em 1958, o Instituto Gramsci, organismo de caráter cultural criado pelo Partido Comunista Italiano, iniciou as providências para uma nova publicação que, dessa vez, deveria reproduzir exatamente a ordem em que os cadernos haviam sido escritos. Valentino Gerratana, conhecido estudioso, foi designado para a tarefa, a qual, com uma equipe de pesquisadores, foi efetivamente concluída em 1975 (Editora Einaudi, quatro volumes)⁵. De acordo com Carlos Nelson Coutinho, “essa edição se tornou a base para novas traduções de Gramsci em diferentes línguas, como o francês, o inglês, o alemão, o espanhol e o japonês” (COUTINHO, 1999, p. 29).

Levando em conta essa longa história da publicação dos cadernos e do próprio fato de que toda a obra de Gramsci, em certo sentido, é uma obra póstuma, podemos compreender as palavras de Eric Hobsbawm, para quem, Antonio Gramsci demorou a ser traduzido em inglês e não exerceu influência entre intelectuais de esquerda na Grã-Bretanha durante as décadas de 1930 e 1940. Até essa última década, segundo ele, Gramsci permanecera, para efeitos práticos, desconhecido fora de seu próprio país. De fato, “até mesmo as tentativas de tornar públicas as *Cartas do Cárcere* na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos falharam. Exceto pela ajuda de pessoas que mantinham contatos pessoais na Itália e que compreendiam o idioma italiano – a maioria comunistas – ele poderia nem ter existido do outro lado dos Alpes” (HOBSBAWM, 1977, p. 205).

Documentos do Arquivo Brian Simon confirmam as palavras de Hobsbawm mostrando esses contatos entre intelectuais ingleses e italianos, como Dario Ragazzini. De sua autoria, o texto mimeografado *The educational theory of Gramsci in the English language* revela que, por volta de 1977, começou a haver no mundo de língua inglesa e na Grã-Bretanha em particular um “crescente interesse em Gramsci juntamente com a divulgação de seus ensaios políticos e culturais sobre o marxismo italiano. Isso é significativo pois o mundo de fala inglesa está familiarizado com reflexões de Gramsci sobre o processo de formação da personalidade e também tendo em vista a difusão de temáticas e categorias gramscianas na teoria educacional” (RAGAZZINI, s/d, p. 3).

De acordo com Ragazzini, foi então que as primeiras reflexões de Gramsci sobre educação apareceram em inglês. Embora em 1965, a revista **New Left Review** tivesse publicado a tradução de “Em *Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 7, n. 2, p. 146-162, dez. 2015.* ISSN: 2175-5604 155

busca do princípio educativo”, isso não chegou a se constituir em marco nos estudos sobre Gramsci na Inglaterra nem no surgimento de algum interesse nos componentes educacionais do seu pensamento. Ainda segundo ele: “Em 1976, Brian Simon, comparando os problemas das teorias educacionais contemporâneas com o marxismo, dedicou algumas páginas aos aspectos pedagógicos do pensamento de Gramsci, páginas essas que se caracterizaram como uma inicial e bem equilibrada apresentação” (RAGAZZINI, s/d, p. 4). Desse modo, uma primeira circulação das reflexões de Gramsci sobre educação teve início em língua inglesa.

As páginas de Brian Simon mencionadas por Ragazzini foram publicadas na revista **Marxism Today** (1976) com o título *Contemporary Problems in Educational Theory* ⁶ abordando principalmente os princípios da escola ativa. Metodologicamente, Brian Simon cita excertos de Gramsci e ao final de cada um deles faz suas considerações, algumas vezes concordando, outras questionando, mas em geral, enfatizando a importância da teoria de Gramsci para a compreensão da educação como fator de mudança social, tal como podemos ler: “Gramsci pôs imensa ênfase no papel dos professores, sustentando que a transformação da educação era tanto uma questão das pessoas, dos professores e de quem eles eram, e do complexo social como um todo, quanto uma questão dos novos currículos e métodos – ou seja, dos programas e projetos” (SIMON, 1976, p. 176-177).

Segundo Brian Simon, o ativismo se destacou como um princípio educativo importante e necessário, mas sem diminuir o papel do professor. No artigo, ele considera Gramsci um dos mais importantes teóricos do marxismo a se preocupar profundamente com a natureza e o papel da educação e cita seus escritos sobre escola única para dar maior clareza e importância à campanha da “comprehensive school”. Ele afirma que, para Gramsci, a escola comum deve ter como objetivo ser uma “escola criativa”, organizada como um coletivo e desenvolver as capacidades para a criatividade intelectual e prática; ele via a escola como um processo coletivo e participativo, embora, segundo Brian Simon, não endossasse a teoria segundo a qual os professores não podem predeterminar o desenvolvimento da atividade. A interlocução com Gramsci segue numerada nas citações abaixo conforme constam no artigo:

- 1- “A escola comum, ele [Gramsci] diz, tem a função de educar e formar novas gerações; o objetivo da escola primária é desenvolver o que ele chama de ‘dinâmico conformismo’ (assimilação de formas cooperativas de comportamento social?) – e preparar os estudantes como seres autônomos, criativos e responsáveis” (SIMON, 1976, p. 176).
- 2- “Seu objetivo [da escola primária] é o que ele [Gramsci] chama de ‘escola criativa’- organizada como um coletivo e desenvolvendo capacidades para a criatividade intelectual e prática, e para a autonomia de iniciativa e orientação. (Pode-se supor, incidentalmente, que Gramsci esteja especulando aqui sobre a natureza da educação e da escolaridade em uma sociedade socialista)” (SIMON, 1976, p. 176);
- 3- “Gramsci refere-se à necessidade de ‘verdadeira e ativa participação’ do aluno na escola. A relação entre professor e aluno é vista como recíproca e ativa de tal forma que cada professor é também um aluno e cada aluno um professor”. (SIMON, 1976, p. 176);

- 4- (Essa difícil mas, no meu ponto de vista, estimulante concepção da natureza do processo educacional deriva, em Gramsci, da tese central do pensamento de Marx, Teses sobre Feuerbach, e particularmente daquela em que Marx refere-se à dialética da mudança social – ‘o educador precisa ser educado’) (SIMON, 1976, p. 176);
- 5- “Novamente enfatizando a natureza ativa da escola comum, Gramsci escreveu: ‘A escola comum é uma escola ativa, embora seja necessário colocar limites às ideologias libertárias nesse campo e enfatizar com alguma energia o dever da geração adulta para ‘moldar’ a nova. (Fora de moda, talvez, mas certamente correto, BS) (SIMON, 1976, p. 176);
- 6- “Gramsci estabelece que ‘a escola ativa ainda está numa fase romântica, na qual elementos de luta contra a escola mecânica e jesuítica tornaram-se exagerados – pois o seu desejo é o de distinguirem-se claramente delas e também por razões políticas. É necessário, ele acrescenta, ‘entrar na fase clássica e racional, e encontrar as fontes para desenvolver apropriados métodos e formas’. (Este parágrafo é, na minha interpretação, de valiosa importância, já que é nesse exercício, eu sugiro, que as forças progressistas e de esquerda estão, neste momento, engajadas em nosso país)” (SIMON, 1976, p. 177);
- 7- “Como Lênin, Gramsci era crítico quanto ao que ele também chamou de ‘velha escola’. Mas tal como Lênin, negou que a educação devesse ser baseada tão somente na chamada cultura específica da classe trabalhadora. Ambos pretendiam retirar o que fosse melhor – o que fosse essencial – da velha escola e transformá-la, mantendo rigoroso nível de estudo e de conquista intelectual (Gramsci particularmente advertia contra a tentação de jogar fora essa dimensão da educação) (SIMON, 1976, p. 177).

Em artigo posterior, intitulado **Marx and the crisis in education**, no qual rejeita o determinismo e aborda a relação entre base e superestrutura, Brian Simon advertiu contra a visão mecanicista sobre a relação entre esses dois níveis da sociedade: “Ele [Marx] reconheceu que a luta de classes se reflete na luta ideológica, que novas classes desenvolvem suas próprias visões ideológicas e lutam para alcançar hegemonia (para usar uma frase da moda), exatamente como os enciclopedistas franceses fizeram antes da Revolução Francesa e os marxistas na Rússia antes de 1917” (SIMON, 1977, p. 198). É interessante observar os termos “para usar uma frase da moda” claramente empregados por Brian Simon como reconhecimento da influência do princípio gramsciano (construção de hegemonia) nos círculos intelectuais de esquerda naquele momento.

Por ocasião da publicação de **Conservative schooling for a radical politics** (Escola conservadora para uma política radical), de Harold Entwistle (1979), Brian Simon voltou à obra de Gramsci. Esse livro, baseado em intérpretes italianos, foi um dos primeiros publicados em língua inglesa sobre o conceito de educação de Gramsci. Nele, Entwistle aborda temas clássicos da pedagogia gramsciana considerando aspectos relacionados ao anti-espontaneísmo como um traço conservador do marxista italiano. Essa interpretação suscitou a crítica de Brian Simon nos seguintes termos, “Entwistle elaborou seu livro em torno de uma não-questão: o paradoxo de uma escola conservadora para uma

política radical” (SIMON, 1981, p.). Além disso, criticou o fato de que, em sua análise, Entwistle se limitara a ler intérpretes, não consultando a obra do próprio Gramsci. Prosseguindo, cita o seguinte trecho de Entwistle: “É neste ponto que nos deparamos com o paradoxo: a construção de uma educação política radical através da pedagogia e de um currículo tradicional. Se a escola é a principal instituição hegemônica e de dominação da classe dirigente, como pode ocorrer uma mudança contra-hegemônica, exceto através de uma reforma curricular radical e de uma pedagogia liberal?” (ENTWISTLE, 1979, p. 78). A isso, Brian Simon respondeu: “Este é um problema de Entwistle, não de Gramsci!” (SIMON, 1981, p. 9).

Essa crítica coincidia com o contexto no qual Roger Simon (1913-2002), estudioso do pensamento gramsciano desde a década de 1950, preparava o seu livro **Gramsci’s Political Thought: an Introduction**, que viria a ser publicado em 1982. Roger Simon havia aderido ao Partido Comunista da Grã-Bretanha um ano depois de Brian, ao conhecer Piero Sraffa⁷. Ele acompanhou a tradução da obra de Gramsci na Inglaterra e, por sua iniciativa e supervisão, a edição de **Selections from the Prison Notebooks** veio a público em 1971, em Londres, trabalho que levou muitos anos e teria se estendido ainda mais se não tivesse contado com a sua extrema dedicação. Essa publicação, conforme consta no Prefácio, consistiu em uma seleção baseada na edição temática italiana (Togliatti e Platone) com acréscimos de textos após consulta a Gerratana no Instituto Gramsci. A relação de Roger Simon com a obra de Gramsci foi amplamente reconhecida nos círculos intelectuais britânicos, de modo geral. Na contra-capa de seu livro consta a seguinte nota da Editora: “Roger Simon, economista engajado em estudos sobre sindicalismo, desempenhou o principal papel para que a Editora Lawrence and Wishart traduzisse a obra de Gramsci para o inglês”⁸

Em seu livro, Roger Simon trata principalmente da via gramsciana para o socialismo em comparação ao “caminho soviético”. Afirma que Lênin, acertadamente, desenvolvera a crítica contra a visão economicista do marxismo, defendendo o primado da política, no entanto, ainda havia importantes limitações em sua abordagem. Segundo Roger Simon, deve-se a Gramsci a grande aquisição teórica do marxismo ao elaborar a concepção de hegemonia, que havia sido, de forma pioneira, empregada por Lênin. Ele enfatiza que na visão de Gramsci, o determinismo mecanicista tende a promover uma atitude passiva, de espera pelo inevitável colapso econômico do capitalismo, o que desencoraja a iniciativa política dos trabalhadores. Analisando a situação específica da Grã-Bretanha, Roger Simon afirma que o marxismo-leninismo não tinha sido capaz de elaborar uma teoria adequada sobre a relação entre lutas de classe e conflitos populares-democráticos em períodos não-revolucionários, isto é, quando o capitalismo se encontrava relativamente estável. Ele prossegue afirmando que a solução teórica para a questão da natureza da democracia e da relação entre socialismo e democracia havia sido dada por Gramsci com o seu conceito de hegemonia, no reconhecimento de que as lutas populares e as instituições parlamentares que os comunistas haviam ajudado a construir não tinham necessariamente um caráter de classe: era um terreno para a luta política entre as duas maiores classes – a trabalhadora e a burguesa. A fim de avançar para o socialismo, o movimento dos trabalhadores deveria encontrar a forma de ligar as lutas populares e democráticas aos seus objetivos socialistas, construindo uma aliança capaz de lhe possibilitar uma posição de liderança nacional (hegemonia).

Crítico do caminho soviético e do marxismo-leninismo, Roger Simon expõe sua preocupação com o decréscimo de influência do Partido Comunista da Grã-Bretanha indicando dois fatores que limitavam severamente a sua atuação: as invasões soviéticas na Tchecoslovásquia e Afeganistão no contexto de polarização do mundo em dois blocos (fator internacional); e a relação com o Partido Trabalhista, isto é, a disputa pela representatividade da classe trabalhadora britânica desde a fundação do Partido Comunista, em 1920 (fator nacional). Nessa perspectiva, propõe que os comunistas britânicos deveriam estar comprometidos com a defesa da democracia parlamentar não a considerando meramente tática ou pura expressão da dominação capitalista. Essa interpretação havia sido parcialmente elaborada e resolvida, de acordo com ele, no Programa adotado pelo Partido Comunista da Grã-Bretanha, em 1951 (*The British Road to Socialism*) sobre a necessidade de “o Estado parlamentar ser transformado em Estado Parlamentar Socialista em vez de substituído por um Estado do tipo soviético” (SIMON, 1982, p. 17). Em 1977, esse Programa havia sido revisado e mantido, mas, segundo Roger Simon, para superar a limitação da visão economicista, mais que adotar um programa, seria necessário mudar a prática política do movimento dos trabalhadores. Compreender o pensamento político de Gramsci, para ele, seria parte essencial dessa transformação.

Documentos do Arquivo Brian Simon atestam a influência da posição gramsciana de Roger Simon sobre seu irmão. Em uma pasta, por exemplo, está classificado o material didático de um curso ministrado por ele na Universidade de Melbourne (Austrália), em 1981, no qual uma das unidades foi dedicada a Gramsci e ao seu Conceito de hegemonia. Da bibliografia constam um capítulo do livro ainda não publicado de Roger e o artigo *Gramsci's concept of hegemony* (*Marxism Today*, 1977) também de sua autoria.

Outras pastas do Arquivo revelam também a influência de Gramsci sobre intelectuais do leste europeu, como é o caso de um conjunto de cartas trocadas entre Brian Simon e Olga Salíмова, historiadora da educação russa, sua colaboradora desde 1955. Ela intermediou a publicação de artigos seus na União Soviética, além de ter organizado visitas dele a escolas russas e traduções de psicólogos da aprendizagem russos na Inglaterra. Em uma dessas cartas, escreveu Olga:

Estou na Itália e ficarei aqui trinta dias (...). Vim para ver minha amiga italiana que é professora de língua russa na Universidade de Nápoles. Seu pai, Felice Platone, foi um dos maiores amigos de Gramsci. (...) Eu ficarei muito feliz em saber sua opinião [sobre um artigo dela]: estaria eu correta em buscar algumas tendências comuns no desenvolvimento da teoria marxista de educação nos tempos recentes? Disseram-me que meu artigo é um primeiro passo na pesquisa sobre esses problemas. Talvez você conheça outros exemplos? Espero conhecer aqui os teóricos do Instituto Gramsci, pois estou planejando publicar alguns trabalhos de Gramsci sobre educação (SALÍMOVA, 1980).

Dois aspectos chamam a atenção nessa carta: o primeiro diz respeito à relação de Olga com intelectuais que haviam sido muito próximos de Gramsci, como o citado Felice Platone que, entre 1948 e 1951, havia trabalhado com Togliatti coordenando, pela Editora Einaudi, a edição dos cadernos em seis volumes temáticos. O segundo aspecto é a própria intenção de Olga Salíмова de publicar trabalhos de Gramsci na União Soviética, tema que continuou a ser assunto de cartas subsequentes. Em uma delas, ela

comunica que havia submetido seus textos ao Departamento de sua Universidade, em Moscou, e insiste em um estudo sobre as distintas interpretações sobre educação no campo do marxismo. Em novembro de 1982, Brian lhe escreveu o seguinte:

Certamente estou interessado em sua publicação sobre Gramsci. Muitas saudações e parabéns. Por favor, envie-me uma cópia (...) de tudo o que você tiver escrito sobre Gramsci. A propósito, meu irmão, Roger Simon, acabou de publicar um livro sobre Gramsci – uma Introdução. Eu lhe enviarei um exemplar assim que o tiver em mãos, pois acabou de ser editado”. (SIMON, 1982)

Infelizmente, a sequência de cartas não informa se Olga Salímova publicou ou não o trabalho que pretendia.

Conclusão

Uma primeira conclusão desta pesquisa refere-se à crítica de Brian Simon ao que ele chamou de visão determinista do marxismo. Foram recorrentes e sistemáticas as suas objeções a tal interpretação, principalmente às teorias da reprodução, que ele classificou em duas: teorias da reprodução social (Samuel Bowles e Herbert Gintis) e teorias da reprodução ideológica (Louis Althusser).

Quanto ao ponto central deste artigo, isto é, em que medida o pensamento de Gramsci esteve presente na obra e trajetória de Brian Simon, as fontes aqui citadas evidenciam essa presença de maneira clara a partir da década de 1970. O livro **Selections from the Prison Notebooks** (seleção dos Cadernos do Cárcere), conforme vimos, foi publicado na Inglaterra em 1971, e no decorrer dessa década, surgiram outras publicações sobre Gramsci, inclusive o primeiro sobre educação (1979). No entanto, considerando que Roger Simon se dedicava a esses estudos desde a década de 1950 e tendo sido ele o supervisor da própria edição inglesa de 1971, é improvável que o pensamento de Gramsci não fosse familiar também a Brian desde então, embora, a chave do seu marxismo e as bases teóricas para a formulação da “comprehensive school” tenham sido Marx e a psicologia da aprendizagem soviética.

Reforça essa conclusão, o depoimento do Professor Clyde Chitty, que participou dessa campanha ao lado de Brian Simon e continuou estudando e escrevendo sobre a “comprehensive school”. De acordo com ele, Gramsci era assunto de Roger Simon, não de Brian Simon (CHITTY, 2012). Mas aqui é importante realçar a questão do tempo histórico, pois a campanha pela “comprehensive school” e a luta contra os testes psicométricos, como mostramos, precederam as traduções de Gramsci para o inglês.

Outro ponto conclusivo diz respeito a essas próprias traduções e à citação de Hobsbawm sobre elas terem sido tardias “do outro lado dos Alpes”. Talvez seja preciso minimizar a importância desse atraso, considerando as dificuldades que os próprios companheiros de Gramsci enfrentaram para publicar todas as suas anotações do cárcere. Os seus cadernos só puderam ser conhecidos no futuro porque chegaram a Julia e Togliatti. Como se sabe, Gramsci foi eleito em Moscou (1922), para o Comitê Executivo da Internacional Comunista, casou-se com a russa Julia Schucht e morou na capital soviética.

Depois, voltou à Itália e quando foi preso sob o regime fascista de Mussolini, Julia retornou a Moscou onde os dois filhos do casal, Delio e Leonardo, cresceram⁹.

Com essa conexão em mente, nada mais significativo do que fechar este artigo voltando ao contexto russo e à busca de Olga Salíмова por Gramsci muitas décadas depois, fato que só chegou a nós pelas cartas trocadas entre ela e Brian Simon. Não foi possível esclarecer o desenrolar desse assunto, pois a sequência das cartas não o menciona¹⁰. No entanto, o seu interesse por Gramsci nos ajuda a recompor e a melhor compreender relações e rupturas causadas pelas tragédias políticas que marcaram o século XX. Essas cartas nos surpreenderam, pois buscávamos pistas de Gramsci na obra de Brian Simon e pudemos encontrá-las também nas preocupações teóricas de uma historiadora russa. Sendo assim, elas nos permitem refletir sobre as formas de circulação do conhecimento entre os intelectuais antes da revolução técnico-científica, e, no caso de Olga Salíмова, as dificuldades enfrentadas sob as contingências do regime soviético. Embora não tenha sido objeto deste artigo, foi possível concluir ainda que o International Standing Conference for the History of Education (ISCHE) desempenhou importante papel nesse intercâmbio que tem as marcas da internacionalização desde o trabalho de Brian Simon.

Referências

- CARLUCCI, Alessandro; BALESTRERI, Caterina. Os primeiros meses de Gramsci na Rússia (junho-agosto 1922). Tradução de Luiz Sérgio Henriques. **Gramsci e o Brasil**. www.gramsci.org. acessado em 29 out. 2015.
- CHITTY, Clyde. *Entrevista*. Londres, Instituto de Educação. 30 de janeiro, 2012.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. **Antonio Gramsci**. Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999.
- ENTWISTLE, Harold. Antonio Gramsci. **Conservative schooling for a radical politics**. Routledge & Kegan Paul, 1979;
- GRAMSCI, Antonio. Selections from the Prison Notebooks. Edited and translated by Quintin Hoare and Geoffrey Nowell Smith. London, Lawrence & Wishart, 2007, 1971.
- HOBBSAWM, Eric. Gramsci and political theory. **Marxism Today**, July 1977.
- MCCULLOCH, Gary. A people's history of education: Brian Simon, the British Communist Party and Studies in the History of Education, 1780-1870. **History of Education**, vol. 39: N. 4, July 2010, 437-457. London: Routledge.
- MCCULLOCH, Gary; WOODIN, Tom. Learning and liberal education: the case of the Simon family. **Oxford Review of Education**, v. 36:2, pp. 187-201. London, 2010.
- RAGAZZINI, Dario. The Educational Theory of Gramsci in the English Language. s/d. **Arquivo Brian Simon**. SIM/6/3/2.
- SIMON, Brian. **A Life in Education**. London: Lawrence & Wishart, 1998.
- SIMON, Brian. **Does education matter?** London: Lawrence & Wishart, 1985.
- SIMON, Brian. **Intelligence, Psychology and Education: a Marxist Critique**. London: Lawrence & Wishart, 1971.
- SIMON, Brian. The function of the school in society. **Arquivo Brian Simon**. SIM/5/2/5, October 1937.
- SALÍMOVA, Olga. Carta a Brian Simon, 15 de maio, 1980. **Arquivo Brian Simon**. SIM/2/4.
- SIMON, Brian. Carta a Olga Salimova. 28 de Novembro, 1982. **Arquivo Brian Simon**. SIM/2/4.
- SIMON, Brian. Contemporary problems in educational theory. **Marxism Today**, June, 1976. p. 169-177.

- SIMON, Brian. The IQ Controversy. In: SIMON, Brian. *Does Education Matter? London*: Lawrence & Wishart, 1985.
- SIMON, Brian. Marx and the crisis in education. *Marxism Today*, July, 1977.
- SIMON, Brian. Visits Abroad (Australia). *Arquivo Brian Simon*. SIM/6/3/2, 1981.
- SIMON, Roger. Gramsci's concept of hegemony. *Marxism Today*. March, 1977. p. 78- 86
- SIMON, Roger. *Gramsci's Political Thought: An Introduction*. London: Lawrence & Wishart, 1982.

Recebido em: dezembro de 2015

Publicado em: 31.12.2015

Notas

- ¹ Graduada em História (FUCMT), Mestra em Educação (UFMS) e Doutora em História Social (USP). Professora Titular de História, Filosofia e Políticas da Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Realizou Pós-Doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres (2011-2012) onde também foi Professora Visitante (2014). Iniciou a sua carreira docente em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, lecionando História no ensino médio e assessorou a Secretaria de Estado de Educação. No contexto da ditadura militar, foi fundadora do Movimento Mato-Grossense pela Anistia e Direitos Humanos e estudou no Instituto de Ciências Sociais de Moscou. Ingressou como professora concursada no Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tendo sido fundadora e primeira presidente da Associação Nacional de História - ANPUH, Núcleo de MS. Na área de História do Brasil trabalha com temas sobre ditadura militar, geopolítica, regionalismo e elites políticas. Atua no Departamento de Educação e na Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSCar), âmbito no qual foi Coordenadora (2007 - 2010). Em 2004, fundou o Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil - HISTEDBR, Núcleo da UFSCar, do qual é Coordenadora. Recebeu o Prêmio CAPES 2008 pela melhor tese orientada na área da Educação. Participa do projeto internacional "Mapping the History of Education" e representa o Brasil no International Centre for Historical Research in Education (ICHRE/Institute of Education). É pesquisadora bolsista do CNPq desde 2008. Email: bittar@ufscar.br
- ² Todas as traduções do inglês para o português são de minha autoria e responsabilidade.
- ³ A obra de Brian Simon focalizou a Inglaterra que, juntamente com o País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte, compõe o Reino Unido. A Grã-Bretanha reúne os três primeiros países, não incluindo, portanto, a Irlanda do Norte. Ao longo do artigo, esses termos serão empregados conforme a situação a que se referirem.
- ⁴ O que entendemos por escola pública no Brasil, é chamado de escola estatal na Inglaterra, isto é, mantida pelo Estado. "Escola pública" lá (também chamada independent school, significa escola particular de elite.
- ⁵ Em uma nota explicativa de sua edição dos **Cadernos**, Carlos Nelson Coutinho reproduz palavras de Gerratana, para quem possivelmente o próprio Gramsci poderia ter adotado o critério temático, caso tivesse tido tempo de organizar de forma sistemática os seus escritos. No entanto, essa escolha Gramsci não a fez e isso tinha de ser levado em conta na leitura e interpretação dos cadernos (COUTINHO, 1999, p. 27)
- ⁶ Esse artigo foi publicado novamente no livro de Brian Simon **Intelligence, Psychology and Education**. A Marxist Critique, London, Lawrence & Wishart, 1978, pp. 264-281.
- ⁷ Piero Sraffa (1898-1983), grande amigo de Gramsci e interlocutor de intelectuais do PCI, foi quem sugeriu a Roger Simon que estudasse a obra de Marx quando ambos se conheceram durante uma reunião do Clube de Economia Política liderado por John Maynard Keynes.
- ⁸ Nota de contra-capá. **Gramsci's political thought: an introduction**. London, Lawrence and Wishart, 1982.
- ⁹ Em uma rua muito próxima ao Kremlin, no coração de Moscou, há uma sólida placa na fachada de uma das casas com dizeres em grandes letras (em russo): "Nesta casa, de 1922 a 1923, morou o líder dos trabalhadores e do Partido Comunista Italiano, Antonio Gramsci".
- ¹⁰ Ler essas cartas causou-me grande emoção e a sensação de intromissão em um mundo que era só deles. A caligrafia, as fotografias em preto e branco dos filhos de ambos, todo o universo que os cercou chegava até mim naquele Arquivo e o sentimento de estar invadindo o passado deles levou-me à decisão de escrever uma carta a Olga relatando-lhe a situação. Porém, não recebi resposta. Teria ela mudado de endereço? Teria morrido? Ou simplesmente não quis voltar a essas páginas do seu passado?